

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT01.017](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT01.017)

A SOCIOLOGIA NO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA DA UERJ: ENTRE OS DESAFIOS DO REMOTO E O RETORNO PRESENCIAL¹

Walace Ferreira

Professor de Sociologia do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAP-
UERJ) - RJ, walaceuerj@yahoo.com.br;

Guilherme Nogueira de Souza

Professor de Sociologia do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAP-
UERJ) - RJ, guilherme.nogueira.souza@hotmail.com;

Stella de Sousa Martins

Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade do Estado
do Rio de Janeiro (UERJ) - RJ, ssmartins2210@gmail.com.

RESUMO

O subprojeto de Sociologia de Residência Pedagógica, realizado entre novembro de 2020 e abril de 2022, visou proporcionar ao licenciando em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) o domínio de ferramentas teóricas e práticas para o melhor exercício da profissão docente. Em parceria com as escolas-campo, o Colégio Estadual Professor Ernesto Faria (situado na Mangueira) e o Colégio Estadual Antônio Prado Júnior (localizado na Praça da Bandeira), o núcleo de Sociologia da UERJ pretendeu estimular a capacidade de os residentes resolverem problemas educacionais cotidianos, desenvolverem processos investigativos e criativos exigidos

1 Este artigo é resultado dos trabalhos desenvolvidos pelo subprojeto de Sociologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), inserido no Programa de Residência Pedagógica da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

pela profissão, exercerem o trabalho de forma coletiva e interdisciplinar, assim como trabalhar em busca de soluções teóricas e práticas atinentes à Sociologia na educação básica, sobretudo tendo passado mais de dois módulos na modalidade remota devido à pandemia da COVID-19. As diferentes atividades envolveram a elaboração de planos de aula, materiais didáticos, realização de regências e outras intervenções críticas no espaço escolar, além do conhecimento do currículo praticado pela rede estadual de educação do Estado do Rio de Janeiro e suas adequações à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) frente ao começo de implantação do novo Ensino Médio em 2022. O desenvolvimento da autonomia do licenciando também passou por uma perspectiva que visou articular a prática vivida durante o programa com o conhecimento adquirido no curso de licenciatura em Ciências Sociais da UERJ. A contribuição da disciplina, por sua vez, ancorou-se em valores educacionais substantivos da BNCC como justiça, solidariedade, autonomia, liberdade de pensamento e escolha, compreensão e reconhecimento das diferenças, respeito aos direitos humanos e à interculturalidade, além do combate aos preconceitos de qualquer natureza.

Palavras-chave: Programa de Residência Pedagógica, Subprojeto de Sociologia da UERJ, Período 2020 a 2022, Desafios do remoto, Retorno ao presencial.

INTRODUÇÃO

Trazemos, em tom de relato de experiência, algumas das principais vivências do subprojeto de Sociologia do Programa de Residência Pedagógica (PRP), em funcionamento por dezoito meses, entre novembro de 2020 e abril 2022, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Ao realizar este exercício, estamos discutindo a relevância deste importante projeto de formação docente oferecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), do Ministério da Educação (MEC), o qual complementa e aprofunda aspectos trabalhados nos cursos de Licenciatura.

Nossa proposta aborda reflexões sobre questões centrais para o/a futuro/a professor/a de Sociologia, tais como a transposição da teoria acadêmica para a práxis escolar, a necessidade de se aproximar de práticas pedagógicas pertinentes à disciplina, a importância do estudo constante para o aprimoramento profissional, inclusive o interesse pela pesquisa, e o conhecimento de diversos aspectos relacionados ao cotidiano escolar. São perspectivas amplamente trabalhadas pela Residência Pedagógica e que apareceram nas experiências vivenciadas por autores e autoras. A análise inclui, ainda, os desafios pelos quais passamos ao participar da Residência Pedagógica majoritariamente em contexto remoto, em razão da pandemia do novo coronavírus, o SARS-CoV-2, que implicou num trabalho virtual por quinze dos dezoito meses do projeto.

A partir de nossas experiências, trataremos de situações que atuaram e atuam no sentido de fortalecer o ensino de Sociologia na educação básica, além de auxiliar as escolas-campo com as quais a UERJ vinculou-se para a realização do PRP no desenvolvimento de intervenções pedagógicas em seus espaços, ainda que de maneira virtual. Importante dizer que essas ações estiveram antenadas à valorização dos direitos humanos, ao estímulo à interdisciplinaridade, à preocupação com o pensamento crítico e a documentos educacionais basilares como as Orientações Curriculares Nacionais (BRASIL, 2006) e, mais recentemente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Médio (BRASIL, 2018).

METODOLOGIA: AS BASES DESTES SUBPROJETO DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Na qualidade de programa de formação docente constituído pela CAPES, a Residência Pedagógica foi criada em 2011 e implantada em 2012 no país. Contudo, depois de algumas mudanças, em 2018 chegamos ao modelo de residência pedagógica que conhecemos atualmente e que abordamos neste trabalho. Segundo Nascimento, Sousa e Estêves (2021):

O atual Programa de Residência Pedagógica do Ministério da Educação (MEC) foi instituído em Março de 2018 constituído pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) como ação que integra a Política Nacional de Formação de Professores. Consiste em um programa de estágio que busca a valorização e qualificação inicial do professor da educação básica, é voltado para os graduandos que cumpriram o percentual de 50% da totalidade do curso ou que estejam cursando a partir do 5º período e, têm por finalidade promover a experiência de regência em sala de aula nas escolas públicas da educação básica sendo acompanhado por um professor-preceptor (NASCIMENTO; SOUSA; ESTÊVES, 2021, p. 14).

Conforme demonstram Silva e Cruz (2018)², sua proposta consiste em atividades teórico-metodológicas valendo-se do conceito de imersão, segundo o qual a participação dos/das futuros/as professores/as deve constituir-se numa participação ativa que envolva a interação entre pesquisa, teoria e prática docente. Trata-se de um modelo mais aprofundado de formação que os estágios supervisionados dos cursos de licenciatura.

Nessa direção, explicam Nascimento, Sousa e Estêves (2021):

O programa contempla os três pilares das universidades: ensino, pesquisa e extensão; diferente do estágio que é visto apenas como o momento da “prática”, e possibilita construir uma interação entre

2 O trabalho de Sousa e Cruz (2018) discorre sobre a história do desenvolvimento do Programa de Residência Pedagógica.

a pesquisa acadêmica e a teoria-prática docente, tal característica é importante para valorizar e incentivar o professor-pesquisador, pois na hierarquia acadêmica há um esforço de reduzir o papel desse profissional apenas ao “fazer” e as rotinas escolares (NASCIMENTO; SOUSA; ESTÊVES, 2021, p. 16).

Devemos salientar, ainda, que a existência de uma bolsa paga pela CAPES aos envolvidos termina por estimular e qualificar a participação de todos e todas. Atualmente o/a Coordenador/a Institucional, aquele/a responsável pelo projeto na Instituição de Ensino Superior (IES), recebe R\$ 1.500,00; o/a Docente Orientador, responsável pela efetivação do projeto nas áreas de atuação, ganha R\$1.400,00; o/a Preceptor/a, professor/a da escola-campo que supervisiona as atividades do/a residente, recebe R\$ 765,00; e o/a Residente ganha R\$ 400,00. Os valores correspondem aos editais de 2018, 2020 e 2022, este último referente ao programa que tem previsão de começar ainda neste ano.

Em novembro de 2020, após meses de atraso com relação à previsão inicial do cronograma do Edital nº 1/2020 da CAPES, teve início mais um projeto nacional de Residência Pedagógica, o segundo no novo formato, a vigorar por dezoito meses (composto por três módulos, cada um com seis meses). A UERJ, com diversos núcleos/subprojetos, dentre eles o de Sociologia, foi uma das instituições de nível superior selecionadas, sendo a primeira vez que a universidade, que já havia participado algumas vezes do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), envolveu-se também com a Residência Pedagógica.

Em situação de pandemia, frente à indefinição da retomada das aulas presenciais na rede pública estadual do Rio de Janeiro, com o Período Acadêmico Emergencial (PAE) da UERJ funcionando em âmbito remoto, começamos sem a definição exata sobre quanto tempo funcionaríamos de forma virtual. Para nossa surpresa, as condições de retorno presencial ocorreram apenas em fevereiro de 2022.

O núcleo de Sociologia da UERJ, por sua vez, compreendeu duas escolas-campo de educação básica localizadas no município do Rio de Janeiro, nas quais os/as residentes, vinte e dois no decorrer de todo o projeto, desenvolvem as atividades do Programa: o

Colégio Estadual Professor Ernesto Faria (na Mangueira) e o Colégio Estadual Antônio Prado Júnior (na Praça da Bandeira), ambas situadas nos arredores do campus da UERJ do Maracanã.

Embora o compromisso institucional com estas unidades escolares vincule-se ao período do Programa, a expectativa de novas iniciativas extensionistas sempre esteve no radar, de modo que já temos desenvolvido conversas nesse sentido. Uma destas iniciativas refere-se à parceria dos docentes preceptores de Sociologia destes colégios junto ao projeto de extensão da UERJ “Sociologia, Juventude e Cidadania”, coordenada pelo mesmo docente orientador do PRP de Sociologia, visando a realização de palestras, oficinas e rodas de conversa sobre temáticas pertinentes ao público jovem, dentre elas, uma sobre as possibilidades da UERJ como universidade de acolhimento a estudantes oriundos de grupos populares, assim como a expectativa de levar estudantes destas escolas para participarem de ações realizadas no campus Maracanã da UERJ.

Pensar a realidade vivida durante a Residência Pedagógica frente a uma complexa conjuntura política, social e econômica na qual estamos inseridos, é o motor que nos impulsiona à realização deste trabalho. Conforme sublinhado pela pesquisadora Marília Pontes Sposito (2003), esta perspectiva consiste em estimular o/a docente a se posicionar como pesquisador/a dos processos sociais decorrentes da escola, apontando para sua localização, suas dinâmicas de reprodução, sua função social, o perfil do alunado, assim como aspectos ligados ao currículo, à avaliação, ao fazer docente, às metodologias empregadas, dentre outros tantos temas que podem se reverter para o desenvolvimento de uma escola plural, livre de preconceitos, integradora, associada às demandas do século XXI e aos valores éticos e democráticos. É importante que no processo de formação de professores/as, tais como na Residência Pedagógica, sejamos encorajados/as a adotar a função de pesquisador/a associado/a ao ofício de ensinar. Ao falar sobre a realidade com a qual lidamos no espaço escolar, nos diz:

O novo público que frequenta a escola, sobretudo adolescente e jovem, passa a constituir no seu interior um universo cada vez mais autônomo de interações, distanciado das referências institucionais, trazendo novamente, em sua especificidade, a necessidade

de uma perspectiva não escolar no estudo da escola (SPOSITO, 2003, p. 221).

E sobre a necessidade de se usar a Sociologia para entender esse público, a autora salienta:

Se as relações entre as formas de socialização se estreitam, produzem nova sociabilidade, é preciso considerar que a pesquisa sobre a vida escolar em seus elementos não escolares exige um conhecimento mais denso dos sujeitos – nesse caso adolescentes e jovens – que ultrapasse os limites de sua vida na instituição. Esse conhecimento induz à absorção dos instrumentos analíticos e teóricos da sociologia das fases devida – infância e juventude – e das relações entre as gerações (SPOSITO, 2003, p. 222).

A realização de ações e intervenções no âmbito da Residência Pedagógica em colégios da rede estadual de ensino visa colocar o/a residente em contato junto a quadratura em que os desafios socioeconômicos exigem do/a professor/a capacidades múltiplas para a promoção do sucesso escolar, além da ampliação do horizonte de mundo e de escolhas futuras. Infelizmente, tal análise ficou um pouco prejudicada por conta de a maior parte do Programa ter se dado de forma remota.

Contudo, é necessário dizer que os desafios vivenciados e discutidos serão fonte de estímulo para a aprendizagem do fazer docente pelos/as residentes, mas também visando a tentativa de ruptura de práticas tradicionais, primando pelo desenvolvimento de novas estratégias e metodologias de ensino adequadas às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

É na passagem da teoria para a prática que o/a aspirante à docência aprende que a apuração do olhar sociológico começa na compreensão da responsabilidade e da dificuldade de orientação por um conhecimento fundamentado cientificamente. A respeito dessa transposição, as professoras Júlia Polessa Maçaira, Marina de Carvalho Cordeiro e Heloisa Helena (2009) salientam que o saber escolar:

(...) é concebido não como mera simplificação do saber acadêmico de referência, mas sim constituído a partir de um conhecimento com configuração própria,

resultado de um processo de transposição ou mediação didática. Os saberes docentes seriam aqueles que os professores dominam para exercer sua atividade profissional; são temporais (processo longo de construção através do tempo), plurais e heterogêneos (provêm de diversas fontes), ecléticos e sincréticos (são adotadas técnicas, concepções e teorias diversas), personalizados e situados (de acordo com cada experiência e situação de trabalho – o imponderável está sempre presente). Já os saberes da experiência podem ser definidos como o conjunto de saberes atualizados, adquiridos e requeridos na prática da profissão docente, conjunto de representações a partir das quais os professores interpretam, compreendem e orientam sua profissão e sua prática cotidiana de exercício do magistério, em todas as suas dimensões (MAÇAIRA; CORDEIRO; HELENA, 2009, p. 5-6).

A atenção a toda esta questão se refere a uma das principais dificuldades da prática docente, principalmente no começo da carreira, tal como observado pelos professores Luís Fernandes de Oliveira e Ricardo Cesar Rocha da Costa (2013). Os autores reforçam que o conhecimento da realidade escolar se dá exatamente no momento em que as reflexões teóricas se deparam com a necessidade de implantação didática exigida pelas dinâmicas da sala de aula, e que a formação teórica obtida na graduação não constitui por si só a garantia de um bom trabalho em termos de aplicação de conteúdo, que exigirá enorme capacidade de transposição didática. Como dito pelos autores:

Neste contexto, muitos professores recém-formados e que estão ingressando nas escolas, descobrem que sua formação no ensino superior não significou uma formação específica para a docência, encontrando uma imensa dificuldade de realizar a chamada transposição ou mediação didática. Nos debates e reflexões teóricas em didática é o que se denomina de “choque de realidade” (OLIVEIRA; COSTA, 2013, p. 110).

Ademais, Oliveira e Costa (2009) também salientam que inevitavelmente a docência de Sociologia atualmente se trata de lidar com um público amplamente formada pelo senso comum, muito vinculado ao que é passado pelas novas tecnologias de informação,

principalmente as redes sociais, o que requer ainda mais atenção do/a professor/a, seja no esforço de demonstração de um viés científico das relações sociais, seja na construção de aulas didaticamente mais atraentes.

Nessa direção, procuramos pensar a formação docente desenvolvida na escola segundo a pedagogia histórico-crítica, na qual os/as alunos/as são tomados como indivíduos concretos, constituídos por uma multiplicidade de relações e variadas determinações sociais. Dessa forma, é possível negar a ideia de que o/a aluno/a pode fazer tudo a sua própria escolha, já que condiciona-se a um contexto que lhe é dado em termos sociais e históricos. Um dos principais teóricos desta corrente, Dermeval Saviani (2011) ressalta que é para esse/a aluno/a concreto/a, advindo da classe trabalhadora, que o/a professor/a deverá possibilitar a assimilação dos conhecimentos, já que será por meio do ensino que haverá a promoção do desenvolvimento deste indivíduo.

O trabalho que desempenhamos na Residência Pedagógica, e principalmente os desafios de adaptação ao contexto remoto, foi simultaneamente instigador por inserir-se numa conjuntura em condições distintas das quais os/as estudantes da Licenciatura da UERJ têm realizado suas formações, mas liga-se à exata necessidade de ajustar-se às situações práticas que encontramos e que precisamos nos adaptar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: ENTRE O REMOTO E O PRESENCIAL

Consiste em obrigatoriedade do Edital CAPES da Residência Pedagógica a realização de quarenta horas de regência em cada um dos três módulos, entendendo-se por regência, no cenário remoto, intervenções síncronas e assíncronas nas turmas da disciplina nas escolas-campo. Em ambos os colégios, os/as residentes realizaram inicialmente o acompanhamento das atividades em modalidade assíncrona de turmas do Ensino Médio, partindo para ações síncronas principalmente no começo do segundo módulo do programa, período que coincidiu com o retorno das aulas nas escolas estaduais públicas do Rio de Janeiro.

Assim sendo, realizamos no Colégio Estadual Antônio Prado Júnior oficinas temáticas síncronas versando sobre o tema “cidadania”, abrangendo aspectos étnico-raciais, de gênero, de classe, de poder político, de preconceito religioso e de ocupação da cidade. Já no Colégio Estadual Professor Ernesto Faria a recepção aos/as estudantes do Ensino Médio ocorreu através de um vídeo com participação de todos/as os/as residentes desta escola-campo no qual se apresentaram e demonstraram os conteúdos que abordariam nos meses seguintes. Dali em diante, organizados/as em duplas, os/as residentes seguiram acompanhado o trabalho nas turmas, elaborado materiais didáticos, realizando aulas síncronas, corrigido atividades e discutido coletivamente o andamento das ações semanalmente nas reuniões de equipe.

A Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC/RJ) estabeleceu como espaço de ensino para as escolas estaduais a plataforma Google Classroom, sala de aula virtual, por aconteceram as atividades assíncronas. Já as reuniões e as aulas remotas junto às turmas do Ensino Médio ocorreram via Google Meet, também disponibilizado pela Secretaria de Educação, adaptando àquele momento a importância da regência para o treinamento efetivo do/da futuro/a docente.

Somando-se às atividades nas escolas-campo, o núcleo de Sociologia desenvolveu reuniões repletas de estudos. Vale a pena registrar o estudo dirigido ocorrido no Colégio Estadual Professor Ernesto Faria envolvendo a docente preceptora dos/das residentes acerca do livro *A Sociedade do Cansaço*, do autor sul-coreano Byung-Chul Han (2010). É uma obra que instigou o debate acerca dos desafios do mundo contemporâneo sobre as dinâmicas cotidianas do/da professor/a, do/da licenciando/a e do/da estudante da educação básica que enfrenta quadro de desânimo e evasão escolar frente ao modelo remoto e à pandemia.

Partimos do entendimento segundo o qual o estudo é fundamental na formação inicial e na profissão docente, além de contribuir para que saibamos lidar com os obstáculos e modificar os contextos educacionais. Colaborou nessa premissa a iniciativa inaugural da Residência Pedagógica da UERJ, em novembro de 2020, com a realização de duas palestras: “PIBID e RP: histórico, resistência e os novos atravessamentos na formação docente”, com o Professor

Nilson Cardoso, do Forpibid/RP, e “A interculturalidade no Ensino na Escola Básica”, com a Professora Glória Regina Campello Queiroz, do IF/UERJ.

Atividades de formação docente em Sociologia foram organizadas visando o debate coletivo entre ambas as escolas-campo. Contando com a presença de diversos convidados especialistas na área, realizamos de forma remota: 1) Oficina “O power point nas aulas de Sociologia” (05 de março de 2021); 2) Palestra “A importância dos programas de formação docente a partir das experiências da UERJ” (26 de março de 2021); 3) Roda de conversa “Os desafios da experiência docente em tempos de pandemia” (23 de março de 2021); 4) Roda de conversa “As experiências docentes em pré-vestibulares sociais de ex-licenciandos em Ciências Sociais da UERJ” (20 de abril de 2021); 5) Mesa redonda “A importância dos livros didáticos na prática docente” (29 de abril de 2021); 6) Oficina “Formulando questões objetivas e discursivas de Sociologia” (13 de agosto de 2021); e 7) Roda de conversa “Quem luta educa: A organização sindical das/dos profissionais da educação” (14 de janeiro de 2022).

Envolvendo o estudo, e no intuito de provocar uma reflexão sobre a educação e o ensino de Sociologia através de uma atividade que considerasse as próprias experiências dos/das residentes das duas escolas-campo, sugeriu-se o seguinte trabalho: Primeiramente eles/elas deveriam pesquisar como a disciplina de Sociologia esteve presente em suas trajetórias educacionais. Para tanto, deveriam procurar o currículo de Sociologia da época em que cursaram o Ensino Médio, devendo relatar, ainda, como era a vida no colégio e a relação com os/as professores/as. Tendo em vista auxiliar nesta análise reflexiva, os/as residentes deveriam ler o texto *Abordagens pedagógicas: do sonho de Comênio às perspectivas críticas*, de Vera Maria Candau e Adélia Maria Nehme Simões Koff (2013), que resume as características de diferentes perspectivas teóricas de ensino, tais como as abordagens tradicionais, as escolanovistas e alunocentristas, as abordagens tecnicistas e neotecnicistas e, por fim, as abordagens críticas. Diante do que foi aprendido com o texto, eles/elas deveriam identificar o tipo de ensino que tiveram no Ensino Médio, a realidade encontrada na graduação de Ciências Sociais da UERJ e que tipo de professor/a

gostariam de ser no futuro. Em reunião seguinte à data da entrega do trabalho escrito, os/as residentes compartilharam suas investigações e reflexões, discutindo coletivamente as mudanças entre o Ensino Médio cursado anos atrás, a realidade vivida no começo do projeto de Residência Pedagógica e as perspectivas docentes futuras.

Outrossim, realizamos estudos sobre o Currículo Mínimo de Sociologia da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro (SEEDUC/RJ), além de aprofundada discussão sobre as Orientações de Estudos (OEs) formuladas e distribuídas pela Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro, documento este que tem servido de guia curricular para a educação remota na rede estadual. Temos acompanhado as reformas educacionais em andamento, de modo que no final de 2020 foi divulgada uma versão preliminar do currículo da SEEDUC adaptado segundo a BNCC (BRASIL, 2020), o qual discutimos à luz de referências bibliográficas críticas sobre o novo Ensino Médio, aprovado pela Lei nº 13.415/2017.

A implantação no estado fluminense se deu a partir do início de 2022, inicialmente no primeiro ano do ensino médio, de modo que os residentes presenciaram apenas os enormes desafios vividos nas escolas nesta etapa inicial de reformas curriculares. O próximo programa de Residência Pedagógica, entre 2022 e 2024, deparar-se-á com as reais dinâmicas advindas da reconfiguração curricular deste novo Ensino Médio no estado do Rio de Janeiro, em que a Sociologia perdeu carga horária, estando agora apenas no terceiro ano, e docentes da disciplina lecionarão disciplinas eletivas dos itinerários formativos e Projeto de Vida.

O Edital do PRP é explícito na importância de nos aprofundarmos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), levando-nos desde o primeiro módulo à leitura crítica do documento, de textos analíticos e de um debate sobre as mudanças curriculares no nosso estado. O próprio exercício de elaboração de planos de aula por parte dos/das residentes, exigido pela CAPES nos três módulos, também levou em conta as competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas abordadas e as habilidades a serem desenvolvidas na elaboração destes planos de aula. Seguimos aprendendo sobre este novo contexto, cientes de que exigirá de nós atenção e luta pelo espaço da Sociologia.

Na medida em que os quinze primeiros meses foram realizados remotamente, os/as residentes alimentaram forte expectativa no retorno presencial, acreditando poderem dinamizar as ações já realizadas à distância e experienciarem o contato direto com os/as estudantes. É na realidade do dia a dia que se aguçam as potencialidades do Programa e que se aprende a lidar com as contradições da vida escolar. Sabemos que a introdução na prática docente se faz necessária para compreendermos a realidade e a percepção do novo ambiente, no qual nossa interpretação é revisitada tendo em vista o encontro de estratégias criativas para trabalharmos os conteúdos programáticos do ano letivo.

Destacamos no Colégio Estadual Professor Ernesto Faria duas propostas de atividades desenvolvidas no intuito de aprofundar um olhar crítico dos/as residentes sobre o fazer docente em diálogo com a pedagogia ativa. Uma proposta utilizou análise às cegas para não expor as dificuldades dos/as bolsistas da Residência Pedagógica, entendendo o aprendizado como algo plural e colaborativo. A atividade utilizou dois filmes e um documentário para identificar as percepções sobre o sistema educacional no Brasil, na França e nos Estados Unidos. A escolha das obras buscou por trazer reflexões sobre os desafios do sistema de ensino frente à desigualdade social, o preconceito e à discriminação. Os filmes foram: *Entre os muros das Escolas* (De 2009, produzido na França e dirigido por Laurent Cantet) e *Escritores da Liberdade* (De 2007, produzido nos Estados Unidos e dirigido por Richard LaGravenese). Já o documentário foi: *Nunca me sonharam* (De 2017, produzido no Brasil e dirigido por Cacau Rhoden). Todos tratam do cotidiano escolar em territórios violentos e com graus de vulnerabilidades sociais elevados, realidades próximas à encontrada em boa parte das escolas nas quais a maioria destes/as futuros/as docentes irão trabalhar.

A atividade desenvolvida com os/as residentes pretendeu ampliar o olhar sobre o processo educacional como sistema social, externo, coercitivo e geral (pensado segundo o fato social de Émile Durkheim) ou como um espaço de reprodução de desigualdades (segundo a perspectiva de reprodução das desigualdades de Pierre Bourdieu). Ou, ainda, possibilitar a emancipação do indivíduo para uma vida de liberdade como trazem Bell Hooks e Paulo Freire. A análise dos estudos que relacionaram obras cinematográficas

e os teóricos da Sociologia da educação provocou uma prática de análise da educação relacionada a conceitos e teorias, que ganhou inúmeras perspectivas com o olhar de cada residente. Ademais, o trabalho com filmes aborda a importância de se pensar em ferramentas deste tipo para a tão falada transposição didática.

Sobre a importância no uso de filmes em aulas de Sociologia, mas atentando para o cuidado de observarmos que também se trata de uma obra comercial e que serve a determinadas ideologias e concepções de mundo, Yashinishi (2020) nos diz:

A utilização de um filme como recurso metodológico pretende servir como uma alternativa educacional que complementa, amplia, enriqueça e aprofunde os temas trabalhados na disciplina curricular de Sociologia. (...) o cinema adquire um papel de ferramenta didática ao passo que é constituído como uma nova linguagem que possibilita uma análise interpretativa capaz de representar aspectos importantes da vida social. Não quer dizer que o filme seja um reflexo perfeito da sociedade, mas, pode se tornar um meio de entendê-la e perceber aspectos importantes da realidade (YASHINISHI, 2020, p. 28).

Outra ação desenvolvida no mesmo período foi o estudo sobre Pedagogia de Projeto, na qual os/as residentes investigaram esta metodologia que está em evidência com a proposta do novo Ensino Médio, salientando que a articulação entre disciplinas se apresenta como característica central desta metodologia. A Pedagogia de Projeto prevê uma participação dos/das discentes do Ensino Médio com mais protagonismo no encontro com os conteúdos curriculares, demonstrando a utilidade do conteúdo e como ele pode ser aplicado na solução dos problemas que são apresentados no mundo social. Nesse espaço o/a professor/a aparece como curador/a no processo, em que precisa fazer um trabalho de sensibilização de busca pelo conhecimento pelos/as estudantes. As propostas podem assumir uma concepção construtivista, que tem a “aventura intelectual” como referência, ou uma visão reduzida e mercadológica dependendo de como o processo seja conduzido. Ainda aparece como um desafio para ser desenvolvida em espaços escolares públicos, que

sofre com turmas superlotadas e ausência de inúmeros recursos básicos como a internet.

Os conceitos de representação e identidade, negociação e rede se colocam como importantes conceitos que permitem chegar a uma definição de projetos. Ao considerar a interdisciplinaridade na pedagogia de projetos, ela vem não como uma metodologia de ensino, mas como uma demanda para uma nova organização de epistemológico do currículo. Nesse sentido, foi discutido como podemos fazer a integração da Sociologia com outras disciplinas. Para isto, foi pensado em como articular a pedagogia de projetos partindo da temática sociológica sobre Cultura, Diversidade e Identidade, assuntos discutidos no começo de 2022 em turmas do segundo ano do Ensino Médio.

Já no Colégio Estadual Antônio Prado Júnior, com a volta das aulas presenciais, concordamos que seria de extrema importância levar aos/às estudantes do terceiro ano um material que mostrasse a importância da Sociologia para o Ensino Médio e também para a sociedade. Neste sentido, foi levantada a questão “O que é a sociologia?”. Para a construção deste questionamento foram usados como base os capítulos 20 e 21 intitulados “Métodos de Investigação em Sociologia” e “O Pensamento Teórico na Sociologia”, respectivamente, do livro “Sociologia”, de Anthony Giddens (2005).

O plano de aula elaborado a partir das noções trazidas pelos capítulos do livro levou para a sala de aula a explicação sobre o que diferencia a Sociologia do senso comum, bem como as noções de reflexão x automatização, trazendo a compreensão de que a diferença entre ambos é a pesquisa e que a investigação sociológica pretende sempre ir além da compreensão limitada da vida cotidiana. O intuito destes questionamentos e das demonstrações de suas diferenças era chegar ao ponto principal do conteúdo, de que a Sociologia também é uma ciência.

Compreendendo a importância de trazer materialidade para o conteúdo, foi elaborado um questionário para ser aplicado nas turmas. Ensinou-se aos/às estudantes do terceiro ano como preencher um questionário de pesquisa, além de deixar evidente a sua função em um processo de investigação social. Após a sua aplicação, os resultados foram apresentados para que os/as discentes aprendessem sobre o processo, reforçando a importância científica

da Sociologia para compreensão de problemas e vivências que estão próximos da realidade de todos/as. O tema escolhido para a pesquisa foi “Insegurança Alimentar”. Com as respostas dos questionários foi possível compreender a visão deles/as sobre uma alimentação saudável, o número de refeições que fazem por dia, se estão satisfeitos com a sua alimentação, assim como o que levam em consideração na hora de comprar os alimentos.

Como temas ligados às desigualdades sociais estiveram presentes nos planos de aula desde o ensino remoto, este questionário serviu como base para destrinchar as várias formas que as desigualdades se apresentam, sempre seguindo o objetivo de tentar trazer para sala de aula um material da disciplina que se aproxime da compreensão dos/das estudantes. Este objetivo não se baseia em deixar a aula mais fácil, mas de criar um diálogo direto com a realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências do Programa de Residência Pedagógica exemplificam a importância de programas de formação docente, visto propiciarem aos/às graduandos/as de diversas licenciaturas o contato com a prática profissional adicional aos estágios supervisionados previstos nos currículos dos seus cursos. Além de complementar a formação, os/as estudantes que têm a oportunidade de participarem do PRP, como bolsistas ou voluntários, aprofundam o conhecimento da educação básica, reduzindo a distância entre a teoria ensinada na graduação e a prática das instituições escolares.

Trata-se de um projeto que, na Sociologia da UERJ, ancora-se na perspectiva de Paulo Freire (1997) segundo a qual o ato de educar e aprender é um ato contínuo, método através do qual aprende-se a ensinar e é ensinado, numa constante troca dialógica. O “ensinar” e o “aprender” consiste num processo epistemológico crítico da dialética freiriana e é dessa maneira que as experiências aqui descritas identificam a relação entre todos/as os/as envolvidos/as nesse rico processo.

O olhar para as múltiplas relações do ambiente escolar termina por estimular o lado pesquisador/a do/da futuro/a docente,

levando-o/a à registrar tudo que é visto e vivido no ambiente de ensino, tais como as diversas interações dentro da escola e entre este ambiente e a comunidade externa, *lócus* em que efetivamente os indivíduos exercem a cidadania suscitada na escola.

Os principais desafios, além da adequação ao contexto remoto, que permeou quase todo o programa, se deram frente à evasão escolar observada nas turmas do Ensino Médio e à baixa participação dos/das estudantes da educação básica nas aulas síncronas. Contudo, consideramos que as iniciativas da Residência Pedagógica transcorreram em tom de aprendizado coletivo, reunindo ações de acompanhamento e imersão nas escolas-campo (no remoto e posteriormente no presencial), reuniões conjuntas que envolveram estudos de temáticas relativas ao ensino de Sociologia e eventos acadêmicos voltados para a formação docente.

Em vista dessas contribuições, concluímos que torna-se fundamental a existência do programa de Residência Pedagógica como política de Estado, que proporcione ao futuro profissional que está em sua formação inicial um maior embasamento teórico-prático para que no futuro os aprendizados desenvolvidos sirvam para um fazer docente mais reflexivo e atuante (FREITAS; FREITAS; ALMEIDA, 2020), do mesmo modo que Freire (1997) propõe ao defender uma pedagogia engajada e comprometida com o mundo e a transformação da realidade. Nesse sentido, a participação no PRP proporcionou vislumbrar a área da licenciatura menos como uma forma de entrada para o mercado de trabalho e mais como uma área cercada de desafios, mas também com possibilidades de criação e intervenção no mundo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

BRASIL. **Orientações curriculares para o Ensino Médio**. Vol. 3 (Parte de Sociologia). Ciências humanas e suas tecnologias/Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação de Estado do Rio de Janeiro. **Versão Preliminar Documento Curricular do Rio de Janeiro**. Ensino Médio. Rio de Janeiro, 2020.

CANDAU, V.; KOFF, A. M. N. S. **Abordagens pedagógicas**: do sonho de Comênio à perspectiva crítica. Departamento de Educação. PUC-Rio. Mimeo, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários a prática educativa. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREITAS, M. C. de; FREITAS, B. M. de; ALMEIDA, D. M. Residência pedagógica e sua contribuição na formação docente. **Ensino em Perspectivas**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 1-12, 2020. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4540>>. Acesso em: 10 jul. 2022.

GIDDENS, A. **Sociologia**, 4. ed., Porto Alegre: Artmed, 2005.

HAN, B. C. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

MAÇAIRA, J. P.; CORDEIRO, M. C.; HELENA, H. Ser professor, ser estagiário e formar docentes: reflexões sobre experiências de estágios supervisionados e práticas de ensino. **XIV Congresso Brasileiro de Sociologia (SBS)**, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<https://silo.tips/download/congresso-sbs-gt-ensino-de-sociologia>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

NASCIMENTO, R. N. F.; SOUSA, A. C. V.; ESTÊVES, N. C. M. A importância do programa Residência Pedagógica para a formação reflexiva-investigativa do professor de Sociologia. **Revista Epistemologia e Práxis Educativa**, n. 2, v. 4, mai/ago, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufpi.br/index.php/epeduc/article/view/1886/1713>>. Acesso em: 13 jul. 2022.

OLIVEIRA, L. F.; COSTA, R. C. R. Didática e ensino de sociologia: questões didático-metodológicas contemporâneas. In: OLIVEIRA, L. F. (Org.).

Ensino de Sociologia. Desafios teóricos e pedagógicos para as Ciências Sociais. Seropédica, RJ: Ed. da UFRRJ, 2013.

OLIVEIRA, L. F.; COSTA, R. C. R. Material didático, novas tecnologias e ensino de sociologia. In: HANDFAS, A; OLIVEIRA, L. F (Orgs). **A Sociologia vai à Escola: História, Ensino e Docência.** Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2009.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica:** primeiras aproximações. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

SILVA, K. A. C. P.; CRUZ, S. P. A Residência Pedagógica na formação de professores: história, hegemonia e resistências. **Momento:** diálogos em educação, v. 27, n. 2, p. 227-247, mai./ago, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8062/5352>>. Acesso em: 13 jul. 2022.

SPOSITO, M. P. Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola. **Revista USP,** São Paulo, n. 57, p. 210-226, mar./mai, 2003. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33843/36576>>. Acesso em: 13 jul. 2022.

YASHINISHI, B. J. O uso de filmes em aulas de sociologia. **Revista Perspectiva Sociológica,** n. 25, 1º sem. 2020, p. 27-35. Disponível em: <<https://cp2.g12.br/ojs/index.php/PS/article/view/2697/1697>>. Acesso em: 13 jul. 2022.